

## Mundo

**MARCHA DOS AGRICULTORES**  
**Espanhóis aderem aos protestos**  
 Movimento que começou com bloqueio de vias na França se espalhou para o país vizinho



**Alio do chavismo.** A líder opositora María Corina Machado se entrevista coletiva diante do QG de seu partido em Caracas, vencedora das primárias da oposição. Foi excluída das eleições presidenciais

# RECUPERAÇÃO AMEAÇADA

## EUA retomam sanções a Caracas após corte confirmar veto a líderes opositores

CAROLINE KEMMERT

A inabilitação da candidata María Corina Machado, principal opositora do chavismo nas eleições presidenciais da Venezuela, previstas para este ano, ameaça a reabertura econômica comemorada por Caracas nos últimos meses. Os Estados Unidos revogaram uma licença para a exploração de ouro, na segunda-feira, e anunciaram ontem que em abril reintroduzirão as sanções ao setor de petróleo e gás do país, motor da economia. As punições econômicas haviam sido retiradas após o Acordo de Barbados, entre governo e oposição em outubro passado, traçar uma rota para a participação de políticos opositores em eleições limpas e democráticas. No entanto, o Tribunal Supremo de Justiça (TSJ) venezuelano, ligado ao chavismo, confirmou no último dia 26 a inabilitação política por 15 anos de María Corina e do ex-candidato presidencial Henrique Capriles, outro no-

me de peso da oposição. Meses após o Acordo de Barbados, os governistas deram uma interpretação própria aos termos assinados, habilitando quatro candidatos de menor projeção e impedindo María Corina, que venceu as primárias opositoras, e Capriles, adversário de Maduro em 2013, de concorrerem.

### “MAPA DO CAMINHO”

Pouco menos de uma semana após a proibição, os EUA anunciaram a reativação das sanções contra a estatal mineira de ouro na Venezuela, a Minerven, na segunda-feira. Em nota, o Escritório de Controle de Ativos Estrangeiros do Departamento do Tesouro americano estabeleceu o dia 13 de fevereiro como data-limite para a “liquidação de quaisquer transações pendentes” com a empresa, algo que contraria uma licença concedida em outubro —válida dentro do acordo em que Caracas se comprometera a libertar presos políticos e garantir condi-

ções para eleições livres.

A Casa Branca, inicialmente, afirmou que daria um prazo de dois meses para que o governo Maduro permitisse que os candidatos da oposição participassem das eleições. O prazo venceria em abril e coincide com o fim de um pacote de decretos assinados em novembro, nos quais foram concedidas licenças para empresas americanas explorarem petróleo no país —outra oportunidade vista por Caracas para romper o isolamento internacional.

Entretanto, ontem, o Departamento de Estado americano, em comunicado, afirmou que o país tomou a decisão de reatuar as sanções ao setor de petróleo e gás da Venezuela, depois que o TSJ manteve a inabilitação política de María Corina e Capriles.

“O acordo do mapa do caminho eleitoral de Barbados continua sendo o mecanismo mais viável para resolver a crise política, econômica e humanitária de longa data da Ve-

nêzuela e conseguir eleições competitivas e inclusivas na Venezuela, mas isso vai requerer que Maduro e seus representantes respeitem os princípios do mapa do caminho e assegurem que os atores políticos da oposição tenham o direito de escolher livremente seus candidatos para as eleições presidenciais de 2024”, disse o porta-voz do Departa-



mento de Estado, Matthew Miller, em nota ontem. A corda está esticada ao máximo no campo político. María Corina mantém, por enquanto, a candidatura. O chavismo aspira virar a página e avançar, embora seu diálogo direto com Washington corra o risco de ruir. Jorge Rodríguez, presidente da Assembleia Nacional e chefe da delegação que negocia com a oposição e os EUA, reiterou que a desqualificação é irrevogável.

Em resposta aos EUA, Caracas rejeitou, ontem, a “chantagem grosseira e indevida” de Washington e anunciou, em retaliação, que suspenderá qualquer mecanismo de cooperação, incluindo os votos de repatriação de migrantes, declarou a vice-presidente Delcy Rodríguez na rede social X (ex-Twitter). Ela ameaçou com a “revogação imediata” dos votos de repatriação de imigrantes venezuelanos dos EUA, reativados após o Acordo de Barbados, se Washington “cometer o erro de inter-

**Matthew Miller, porta-voz do Departamento de Estado dos EUA**

sificar a agressão econômica à Venezuela, a pedido dos lacaios extremistas do país”. Por sua vez, integrantes do governo do Brasil, que mandou a Barbados o assessor para Assuntos Internacionais da Presidência, Celso Amorim, disseram ontem ao GLOBO ser precipitado assumir uma posição oficial sobre o que está se passando na Venezuela. Interlocutores da área diplomática, porém, admitiram “sinais de retrocesso” emitidos por Maduro. Em nove dias, chega a Caracas a nova embaixadora do Brasil, Cláudia Oliveira. Com sua presença em Caracas, ressaltou um integrante do governo Lula, será possível receber informações de “melhor qualidade”.

### REGIME JÁ INABILITOU 1.400

O governo Maduro suspendeu o direito de concorrer a María Corina, a quem acusa de fazer parte de um complot de corrupção gerado na gestão do autoproclamado presidente interino Juan Guaidó, pelo qual já foi inabilitado em 2021, no mesmo processo que a Controladoria abriu em 2014 por supostas irregularidades na declaração juramentada de bens de quando era deputada. Inabilitações de rivais são uma arma antiga do chavismo contra opositores. Segundo a ONG Acesso à Justiça, desde 2002, o chavismo já inabilitou cerca de 1.400 cidadãos para cargos públicos.

Nobreak alívio que conquistou com o Acordo de Barbados, Caracas conseguiu restabelecer contratos da estatal de petróleo PDVSA no exterior, além de obter a troca do empresário colombiano Alex Sábido —próximo ao chavismo e preso em Miami acusado de suposta lavagem de dinheiro —por americanos detidos na Venezuela e um grupo de presos políticos.

No campo opositor, María Corina prometeu seguir na disputa, afirmando que Maduro não iria “escolher o candidato” que ela disputar com ele a Presidência, classificando a decisão do tribunal que a inabilitou como “grotesca”. —Recebi o mandato de quase 3 milhões de venezuelanos, que exerceram a soberania popular em 22 de outubro —disse, referindo-se às primárias de 22 de outubro, as quais venceu com 92% dos votos. —Eu represento essa maior soberania popular. Não podem fazer eleições sem mim. (Com El País, AFP e Eliseo Oliveira)

## Daniel Scioli vai assumir secretaria no governo de Milei

Embaixador da Argentina no Brasil desde 2020, caciado do peronismo será o novo secretário do Turismo, Ambiente e Esportes

RICARDO KATZ

O embaixador da Argentina no Brasil e ex-governador de Buenos Aires, Daniel Scioli, será o novo secretário do Turismo, Ambiente e Esportes, pasta que compõe o Ministério do Interior do governo Javier Milei. A informação foi divulgada ontem pelo ministro Guillermo Francos, em uma postagem nas redes sociais. Peronista, Scioli havia sido mantido como embaixador no Brasil por Milei, em novembro.

Francos publicou uma foto onde é visto com Scioli e Milei, ambos lado a lado, com polegares para cima. “Justamente com o presidente Javi-

er Milei nos reunimos com Daniel Scioli, que assumirá a secretaria de Turismo, Ambiente e Esporte do Ministério do Interior”, anunciou o ministro em uma publicação no X (antigo Twitter).

Segundo o jornal argentino Clarín, a vaga da secretaria estava em aberto desde a posse de Milei, em dezembro, e Scioli já vinha negociando o cargo, considerado feito sob medida para ele. Ainda segundo o jornal, o nome do embaixador foi o único cotado desde então.

Esta não é a primeira abordagem da família Scioli ao governo do ultraliberal. Na quinta-feira, conforme noticiado pelo jornal argen-

no La Nación, foi oficializada a continuidade do irmão do ex-embaixador, Nicolás Scioli, como diretor do Banco de Investimentos e Comércio Exterior (Bice).

Além disso, Lorena Scioli, filha e conselheira do líder peronista, havia acompanhado a subsecretária de Turismo, Yanina Martínez, à Feira Internacional de Turismo (FITur) em Madri, na Espanha —outra autoridade do governo anterior que permaneceu em seu cargo.

**DERROTA PARA MACRI** Scioli foi nomeado em 2001 secretário de Turismo e Esportes do país pelo governo de Adolfo Rodríguez Sá, e con-



**Sob medida.** Scioli (à esquerda) com Milei em reunião em Buenos Aires

firmado no cargo em janeiro de 2002 pelo presidente Eduardo Duhalde. Foi vice-presidente da República durante o governo de Néstor Kirchner (2003-2007) e governador da província de Buenos Aires (a mais importante da Argentina) de 2007 a 2015, ano em que disputou as eleições con-

tra Mauricio Macri (2015-2019). Ele chegou a vencer o primeiro turno com 36,8% dos votos, mas perdeu a disputa no segundo, ficando com 48,6% dos votos válidos. Desde 2020, o ex-governador atuava como representante do governo peronista de Alberto Fernández no Brasil. Para surpresa de muitos, conseguiu estabelecer um bom vínculo com o governo do então presidente Jair Bolsonaro (2019-2022), próximo de Milei, e foi peça-chave para que o vínculo entre Brasil e Argentina não entrasse em crise e tensão.

Cacique do peronismo, Scioli chegou a ensaiar uma candidatura às eleições presidenciais de 2023 pelo partido União pela Pátria —contra a vontade da vice-presidente Cristina Kirchner, mas com aval de Fernández. Ele, porém, acabou desistindo. (Com La Nación)